Capítulo X — Evangelização apostólica da América (continuação)

> **Sumário.** História tradicional de Moisés.

Na ordem religiosa. Deus jamais se deixou sem testemunho. A salvação jamais foi impossível a ninguém, homem ou nação. A salvação jamais foi possível senão por Jesus Cristo, isto é, pela fé explícita ou implícita nele e em sua Redenção. Tal é a doutrina da teologia católica, ensinada pela boca de santo Tomás.[1]

Logo, a lembrança, mais ou menos confusa, do Desejado de todas as nações, *desideratus cunctis gentibus*, jamais se perdeu inteiramente, nem entre as tribos mais degradadas da América, nem entre as da África ou da Oceania. Ainda que mais ou menos alterada, a conservação desse dogma necessário é uma prova da Revelação primitiva. Os fatos confirmam esse raciocínio de lógica elementar. Citemos alguns desses fatos tradicionais, cujo conhecimento devemos não somente aos antigos exploradores do Novo Mundo, mas ainda aos mais doutos viajantes modernos.

As tribos que povoaram a América haviam levado da casa paterna um patrimônio de verdades suficiente para a sua vida social e religiosa. Mas, filhos pródigos como os Chineses, os Africanos e os outros povos pagãos, deixaram perecer uma porção considerável delas. Conservaram, contudo, algumas, cujos vestígios ainda são reconhecíveis, apesar das alterações de fundo e de forma que as desfiguram. Falemos primeiro das tradições primitivas, ou patriarcais, e das tradições bíblicas do Antigo Testamento.

Assim, na época da descoberta da América pelo imortal Cristóvão Colombo, achou-se entre diferentes tribos, tanto do norte como do sul, o dogma mais ou menos correto da existência de Deus e dos espíritos; a lembrança da criação do mundo, da mulher e da serpente e do dilúvio universal; o uso da oração e dos sacrifícios; a distinção, mais ou menos exata, mas real, do bem e do mal; a santificação do sétimo dia; a prática da circuncisão; a fé na imortalidade da alma; o culto dos mortos; até o costume invariável da oração sobre o alimento.[2]

Das verdades do Antigo Testamento, esses povos haviam retido, além de várias das tradições que acabamos de indicar, a observância do Jubileu semissecular, bem como os principais traços da história de Moisés.

Entre os selvagens que habitam a parte mais setentrional da América perpetuam-se tradições bíblicas cuja origem se perde na noite dos tempos. Devemos hoje o seu conhecimento ao reverendo padre Petitot, oblato de Maria, missionário há longos anos no Mackenzie. Ainda que desfigurada, a história de Moisés conserva-se muito reconhecível na memória dos Montagnais, dos Chippewayans, dos Couteaux-Jaunes, dos Peaux-de-Lièvre, dos Esquimós e de outras tribos vizinhas do polo.

> *Alguns leitores, diz o Missionário, serão tentados a considerar essas tradições como uma reminiscência confusa das narrativas dos missionários. Responderemos a isso que nossos Índios só nos possuem há quando muito quinze anos; que fomos os seus primeiros apóstolos e que essas tradições se encontram sobretudo na boca dos anciãos.*

Essas reminiscências são, pois, anteriores à chegada dos missionários. A que época é preciso remontar para lhes assinalar a origem? Deve-se atribuí-la ao contato que essas tribos selvagens teriam tido com os Judeus, dispersos pelos quatro cantos do mundo antes da vinda de Nosso Senhor? Não parece mais razoável crer que é contemporânea da evangelização apostólica, tanto mais que se encontraram entre as tribos do Novo Mundo tradições puramente cristãs? Seja como for, eis um resumo da tradição relativa a Moisés.

Em tempos muito antigos houve uma grande fome. Então os homens deixaram a sua pátria para habitar ao longo do mar, em terra estrangeira, a fim de salvar a vida. Um dia em que estavam em marcha, uma velha ouviu os gritos de uma criança à beira da água. Procurou com cuidado e achou um menino, que lhe disse: *«Avó, recolhe-me; vim à terra para fazer o bem aos homens, meus irmãos.»* A velha pegou o pequeno e criou-o com cuidado.

Quando cresceu, operou prodígios por meio de uma varinha mágica.

> *Os homens, meus irmãos, disse ele um dia, são muito infelizes. Quero ir ter com eles. Têm fome; quero ir proporcionar-lhes carne.*

Permaneceu, com efeito, longo tempo entre os irmãos, e a rena nunca lhes faltava. Combatendo por seu povo, imolou durante a noite uma cadela branca e tingiu de seu sangue a tenda, molhando nele um punhado de ervas, e nessa noite os inimigos de seu povo foram destruídos.

Um dia o Grande Inimigo lhe raptou as duas irmãs. *«Tu não és homem, disse-lhe alguém, pois te deixas raptar os parentes.»* Então irritou-se contra o adversário, bateu-lhe e, sem querer, matou-o. Depois desse golpe, levantou-se e disse: *«É preciso que eu liberte minhas duas irmãs.»*

Logo partiu com o irmão, em busca delas. Chegaram à tenda do Grande Inimigo. Ali as duas irmãs se desolavam no cativeiro. Como nesse dia o marido delas estava na caça, ele retomou as duas

irmãs e fugiu com elas, bem como o irmão que o acompanhava.

O Grande Inimigo era um mágico poderoso e armou ciladas aos fugitivos. Uma manhã, ao acordarem, acharam-se no fundo de um precipício. Pelo poder de sua varinha, o menino Moussé fez subir o fundo ao nível do solo circundante, e atravessaram o lago a pé enxuto.

Chegaram a uma região cujos habitantes só viviam de uma goma branca. Não puderam ficar naqueles lugares, pois esse alimento lhes causava náusea. Partindo dali, vieram a um país cujo povo se alimentava de tordos. Ele mesmo estendeu para essa gente as suas redes e de um só golpe apanhou quantidades prodigiosas.

Um dia, no deserto, sem árvores, caçava-se penosamente, porque não havia água, e morríamos de sede.

> *Esperai, disse o menino poderoso, tornado homem; e, tendo fabricado uma flecha mágica, cravou-a na terra, e logo brotou nesse lugar água em abundância.*

Depois disso, disse ao irmão: *«Vem comigo, vou matar todos os homens inimigos.»*

Dirigiu-se a uma montanha, que ambos subiram. Trovejava ali horrivelmente. No meio do raio, apanhou duas pedras chatas, duas pedras de trovão, e, tendo-as atirado sobre os inimigos, estes caíram no mesmo instante sem movimento e sem vida.

Desceu então da montanha; armado, embaixo, achou a velha mãe desvairada, a velha mãe que o criara; cantava, a velha, dançava como louca.

Eis bem os Israelitas dançando em torno do Bezerro de ouro enquanto Moisés estava na montanha.

Enfim, tendo-se tornado velho, o homem que operava pela vara subiu a uma montanha.

> *Vou morrer em breve, disse a seus irmãos, mas não vos abandonarei; quando estiverdes na aflição, invocai-me, e virei em vosso socorro.*

Então mandou levantar nesse lugar elevado uma tenda de medicina e, tendo entrado nela, evocou o seu espírito. Como não saísse mais, aventuraram-se no pavilhão para ver o que fora feito dele; mas não estava mais ali. Desde então não se sabe o que foi feito dele.[3]

Notas

[1] *Nunquam homines potuerunt salvari etiam ante Christi adventum, nisi fierent membra Christi, quia ut dicitur, Act. IV, 12: Non est aliud nomen sub caelo datum hominibus, in quo oporteat nos salvos fieri. Sed ante adventum Christi, homines Christo incorporabantur, per fidem futuri adventus.* Santo Tomás, *Suma teológica*, III, q. 68, a. 1, ad 1. — *Quantum vero ad directionem humanorum actuum, prophetica revelatio diversificata est, non secundum temporis processum, sed secundum cognitionem negotiorum. Et ideo quolibet tempore instructi sunt homines divinitus de agendis, secundum quod erat expediens ad salutem electorum.* Id., II-II, q. 174, no corpo, ao fim.

[2] Provamo-lo em nossa obra intitulada *O Benedicite*. — Ver Manassés ben Israel, *Reliquiae decem tribuum*, p. 28, apud Mamachi, *Origines*, etc., p. 327, ed. 4ª, Roma, 1750; Huet, *Démonstration évangélique*, prop. IV e VII, n. 6, apud eumdem; Id., *Tableau de toutes les religions*, etc.

[3] *Bulletin des missions catholiques*, ano 1878, números de setembro e outubro.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:30 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin